



SEMANA DA INTERCULTURALIDADE



SÁBADO, DIA 12 / 21:30 / SEDE CCF

Colaboração com a EAPN Faro
ENTRADA LIVRE

UM RAMADÃO EM LISBOA / PORTUGAL, 2019, 66'

COM A PRESENÇA DA REALIZADORA RAQUEL CARVALHEIRA

Documentário, realizado por Amaya Sumpsi, Carlos Lima, Catarina Alves Costa, Joana Lucas, Raquel Carvalheira e Teresa Costa, que revela o ambiente do mês do Ramadão em vários momentos, desde o seu começo, cheio de entusiasmo e frenesim, ao cansaço dos últimos dias. Num contexto onde o jejum não é uma prática comum nem maioritária, o documentário segue as personagens pelas ruas, pelas paisagens e pelos seus mundos. Um processo criativo partilhado que coloca em pano de fundo uma Lisboa próxima e reconhecível num movimento de aproximação humana do cinema.



CINECLUBINHO

SEXTA, DIA 11 / 10:30 / IPDJ
ENTRADA LIVRE PARA ESTUDANTES E PROFESSORES

O SEGREDO DOS PERLIMPS

ALÊ ABREU / BRASIL / EUA, 80', M/6

Claê e Bruô, dois guerreiros de reinos rivais, partilham a mesma missão: salvar a floresta mágica da ameaça das máquinas mortíferas. Para o conseguirem terão de ultrapassar as suas diferenças e encontrar os Perlimps, as criaturas mágicas e misteriosas que se escondem nas profundezas da floresta.

DIA 03 / 21:30



VALE ABRAÃO

MANOEL DE OLIVEIRA / FRANÇA / PORTUGAL / SUIÇA, 1993, 187', M/12

No Vale do Douro, Ema vive com o pai e é educada numa atmosfera de grande sensibilidade poética. Torna-se numa mulher bela e sensual com um irresistível gosto pelas ficções românticas, que acaba por nunca conseguir encontrar plena satisfação junto dos homens, desde logo casando com um médico que nunca amou. Na sequência de uma intensa vida social, Ema, vai envolver-se com três homens sempre numa constante busca de paixões, luxo e desafios... Adaptação do romance de Agustina Bessa-Luís.

DIA 06 / 17:00



ANIVERSÁRIO CCF / PRESENÇA DO REALIZADOR PEDRO COSTA (a confirmar)

AS FILHAS DO FOGO

PEDRO COSTA / PORTUGAL, 2023, 9', M12

Três irmãs são separadas pela erupção do vulcão do Pico do Fogo em Cabo Verde. Pedro Costa constrói um retrato penetrante dessas mulheres (interpretadas pelas cantoras Elizabeth Pinard, Alice Costa e Karyna Gomes) cujos rostos a erupção ilumina no seu canto pungente: um dia saberemos porque vivemos e porque sofremos.

OSSOS

PEDRO COSTA / PORTUGAL / FRANÇA / DINAMARCA, 1997, 94', M/16

Ossos é um drama minimalista que se desenrola no bairro crioulo Estrela d'África, em Lisboa. Tina dá à luz no hospital, regressa a casa e liga imediatamente o gás. O namorado de Tina, também ele adolescente, salva a criança, embrulha-a num saco de lixo e sai para a rua a pedir esmola. Depois de uma tentativa falhada de vender a criança, o rapaz deixa o bebé com uma enfermeira, e mais tarde com uma jovem prostituta. Enquanto isso, Tina e a sua melhor amiga, Clotilde, tentam recuperar a criança. O bebé sobreviverá. Com movimentos austeros, lentos e fatigados, os actores amadores de Costa mal demonstram emoções. São pessoas que foram derrotadas pela vida num mundo onde a única nota verdadeiramente calorosa e humana emerge da amizade entre Tina e Clotilde. Por outro lado, Costa é capaz de evocar emoções poderosas e convincentes, que obrigam o espectador a encarar o desespero de frente.

DIA 10 / 21:30



O LUGAR DO MORTO

ANTÓNIO-PEDRO VASCONCELOS / PORTUGAL, 1984, 120', M/12

Às seis da manhã, Álvaro Serpa, jornalista, trinta e poucos anos, dois casamentos, dois filhos, dois divórcios, sai da casa de Marta, cuja filha o surpreendeu na cama com a mãe. Atravessa a estrada marginal em contravenção e vem encostar o carro num descampado à beira-mar. É aquela hora indecisa em que o dia está para nascer. Para ele é tarde demais para ir dormir e cedo ainda para entrar no jornal. Recosta-se no carro e adormece. Subitamente, é acordado por vozes ao longe. Quanto tempo passou? Um minuto? Uma hora? Olha: Ao fundo, um insólito par - ele de *smoking*, ela de vestido de noite e casaco de peles - discutem e agridem-se. Num impulso, ela corre para o carro de Álvaro. Entra e diz-lhe: «Leve-me daqui!». Álvaro, como um sonâmbulo, obedece, enquanto ouve o outro gritar: «Ana!». A meio do caminho, Ana, que se manteve todo o tempo com o olhar fixo na estrada, diz-lhe sem o olhar: «Volte para trás». Álvaro, mecanicamente, obedece. Quando voltam ao descampado, Ana sai a correr e dirige-se ao carro do outro. Álvaro ouve-a dar um grito. Dirige-se também ele ao carro: o outro está reclinado no assento, com um revólver quente na mão e uma bala na cabeça. Quando se refaz da surpresa, Álvaro descobre que Ana desapareceu, deixando atrás de si apenas um nome, um lenço e um perfume...

DIA 17 / 21:30



TRÁS-OS-MONTES

ANTÓNIO REIS E MARGARIDA CORDEIRO / PT, 1976, 108'

Em junho de 1974, enquanto a generalidade dos cineastas portugueses queria sair para a rua para documentar as transformações sociais e políticas sentidas sobretudo nos grandes centros urbanos, António Reis e Margarida Cordeiro optaram por fazer um cinema não-narrativo sobre elementos de cultura popular. Para concretizar tal empreitada, o casal percorreu um total de dez mil quilómetros em locais isolados do interior de Trás-os-Montes, particularmente nas aldeias remotas de Bragança e Mogadouro, concelho onde nasceu Margarida Cordeiro. As crianças e as mães, as mulheres e os velhos, a casa e a terra. Vida diária, o imaginário, artes em desaparecimento, a agricultura de subsistência. A erosão. O tempo e a distância. A presença ausente dos que partiram para todos os horizontes. CINEMATECA PORTUGUESA

Cópia digitalizada pela Cinemateca Portuguesa - Museu do Cinema.
Colaboração da Cinemateca Portuguesa - Museu do Cinema

DIA 24 / 21:30



O BOBO

JOSÉ ÁLVARO MORAIS / PORTUGAL, 1987, 120', M/12

Um dos títulos maiores do cinema português, entrelaça várias linhas narrativas que o realizador gere com grande mestria - o ensaio de uma adaptação teatral do romance *O Bobo* de Alexandre Herculano; a articulação entre o presente (o Portugal pós-revolução de Abril) e o passado histórico (a fundação da nacionalidade; a queda do império); a vida dos intérpretes no quotidiano, entre as intrigas políticas e os enredos amorosos.

José Álvaro Morais cria rimas e fricções com outras formas de expressão artística e traça um amplo retrato geracional. Uma obra-prima!
Festival de Locarno 1987 - Leopardo de Ouro.